

## **Elementos para uma leitura sapiencial das migrações**

*Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs*

O presente artigo procura reunir alguns elementos para uma *leitura sapiencial* das migrações. Em lugar de um estudo acadêmico, trata-se antes de uma simples leitura sociopastoral, especialmente para uso de quem atua no amplo universo da mobilidade humana. Seja como for, semelhante leitura, nos dias atuais, não pode desconhecer a figura do bispo G.B. Scalabrini (1839-1905). Tampouco pode ignorar dois aspectos fundamentais e complementares de sua memória histórica: o seu encontro com os emigrantes na Estação de Milão, de um lado, e a inspiração e herança do carisma scalabriniano, de outro. Nos dois casos, as migrações, com suas feridas e oportunidades, revelam contemporaneamente seu lado positivo e negativo, demonstrando a ambiguidade dos grandes deslocamentos de massa.

### **Nas pegadas de Scalabrini**

O episódio descrito por G.B. Scalabrini a partir de seu encontro com os emigrantes na Estação de Milão representa uma referência indispensável no seu modo de entender o fenômeno migratório<sup>1</sup>. Podemos falar de um ponto de chegada e de um ponto de partida na vida, nos escritos e na obra do bispo de Piacenza. De fato, a chamada “Estação de Milão”, na sua trajetória humana e eclesial, é precedida de uma atenção precoce e intensa para com aqueles que, periódica ou definitivamente, devem se deslocar para ganhar o pão de cada dia. E, contemporaneamente, será seguida de uma solicitude de verdadeiro pastor para com as grandes migrações que, no auge da revolução industrial, marcaram praticamente todo o século XIX e o início do século XX. De acordo com o historiador Peter Gay, entre 1820 e 1920, cerca de 62 milhões de pessoas deixaram o velho continente europeu<sup>2</sup>. Maurice Aymard, por sua vez, afirma que somente a Itália, entre 1860 e 1970, “registrou 25 milhões de partidas – igual à metade de sua população em 1960”. Na década de 1901-10, foram 600 mil os emigrantes, “e alcança a cifra record de 872.598 no ano de 1913”<sup>3</sup>.

Solicitude que tem origem muito cedo na vida do bispo de Piacenza, especialmente entre os migrantes temporários, de modo particular os trabalhadores diários, muitos dos quais migravam para as colheitas agrícolas ou para as minas de carvão. O mesmo zelo pastoral dará origem, mais tarde, à fundação, por parte de Scalabrini, de um Instituto de leigos e duas Congregações, masculina e feminina, com o carisma de trabalhar junto ao universo das migrações. Não sem razão passa a ser chamado de “pai e apóstolo dos migrantes”.

Retornemos às palavras revestidas de compaixão de G.B. Scalabrini na estação de Milão: “Eram velhos curvados pela idade e pelas fadigas, homens na flor da virilidade, mulheres que

---

<sup>1</sup> Todas as citações de G.B. Scalabrini são extraídas da obra *Scalabrini – uma voz atual* (São Paulo 1989). A página vem assinalada no próprio texto.

<sup>2</sup> Peter Gay, *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud* (5 volumes).

<sup>3</sup> Maurice Aymard, *Migrazioni*, in: *Il Mediterraneo, lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni* (Firenze 2007), 242-243.

levavam após si ou carregavam ao colo suas crianças, pequenos e jovens todos irmanados por un único pensamento, todos orientados para uma meta comum. Eram migrantes!” – constata o pastor. E prossegue: “Eu os vejo desembarcados em terra estrangeira, no meio de um povo que fala uma língua que eles não conhecem, vítimas fáceis da especulação desumana. Vejo-os banhar com seu suor e com suas lágrimas, um solo ingrato” (356).

Este e outros escritos de Scalabrini expõem, ao mesmo tempo, os golpes que a migração infringe às pessoas e famílias que se deslocam, bem como os problemas que as esperam em terra estranha. Eis o “doloroso dilema”, como o observa o bispo de Piacenza ao conversar com um desses emigrantes: “Ou roubar ou migrar: roubar não devo, nem quero, porque Deus e a lei me proibem; ganhar aqui o pão para mim e para meus filhos não me é possível. Que fazer então? Emigrar é o único recurso que me resta...” (359-360). Palavras que, como um chamado ou uma interpelação de ordem divina, permanecem gravadas com caracteres de fogo no coração do pastor.

Transparecem em suas palavras a dupla visão das causas e consequências das migrações massivas. De uma parte, a revolução industrial com suas implicações econômicas, políticas e sociais, provocou uma mobilidade humana sem precedentes, primeiro no interior de cada país e do velho continente, depois em direção às novas terras ultramarinas. De outra parte, “males infinitos, tanto materias quanto morais” esperam os que deixam a terra natal e se aventuram por “mares nunca dantes navegados”, para usar a expressão do poeta português Luís de Camões. “E como a ignorância e a pobreza tornam nossos compatriotas vítimas fáceis dos agentes de migração, assim, lá longe, o isolamento e a miséria os tornam presas fáceis da especulação”, quer dizer dos “mercadores de carne humana” – diz G.B. Scalabrini. Por isso, “quão amargo o pobre pão dos migrantes, atraídos por vãs esperanças ou por falsas promessas” (363).

O apóstolo dos migrantes confronta semelhante deslocamento compulsório e massivo com a observação de que “a migração é um fato natural e uma necessidade invencível”, insistindo sobre o “direito natural e sagrado de migrar”. “Discutir teoricamente se a migração é um bem ou um mal é inútil, sendo suficiente à minha finalidade constatar a sua existência”. Porém, alerta imediatamente para o fato de que “a migração deve ser espontânea”, chamando a atenção para a “liberdade de migrar, não de fazer migrar” (360-362).

Não obstante golpes, feridas e adversidades, o bispo de Piacenza conclui que a migração faz parte do desígnio de Deus. Com a lucidez de um sábio, um poeta ou de um santo, escreve: “Migram as sementes nas asas dos ventos, migram as plantas de continente a continente, levadas pelas correntes das águas, migram os pássaros e os animais e, mais que todos, migra o homem, ora em forma coletiva, ora em forma isolada, mas sempre instrumento daquela Providência que preside e guia os destinos humanos, também através das catástrofes, para a meta, que é o aperfeiçoamento do homem sobre a terra, e a glória de Deus nos céus”. E ainda: “A migração é sem dúvida um bem, fonte de bem estar para quem vai e para quem fica, verdadeira válvula de segurança social, aliviando o solo do excesso da população [...], mas é sempre uma gravíssimo mal, individual e patriótico, quando se deixa caminhar assim sem lei, sem freio e sem direção” (369-370).

Em outras palavras, num cenário de fluxos migratórios devidamente regulados e assistidos, chega-se ao conceito de migrante como agente ativo de “uma cidadania universal na qual não

haja distinção de pessoas”<sup>4</sup>. Isto é, alguém que faz parte do plano divino da salvação, na medida em que permite o constante intercâmbio de valores e o recíproco enriquecimento de povos e culturas. Ou ainda, para retomar novamente o Documento de Aparecida, “os emigrantes são igualmente discípulos e missionários, e são chamados a ser nova semente de evangelização, a exemplo de tantos emigrantes e missionários que trouxeram a fé cristã à nossa América”<sup>5</sup>. Na perspectiva da mobilidade humana como re-criação permanente do mundo e da história, convém fechar este item com duas frases de G.B. Scalabrini que, tal como os migrantes, circulam pelos quatro cantos da terra: “A migração funde e aperfeiçoa as civilizações, amplia o conceito de pátria, indo além dos limites materiais, fazendo do mundo a pátria do homem”. Nesse sentido, “para os migrantes, a pátria é a terra que lhes dá o pão”.

Diz-se de G.B. Scalabrini que “possuía um coração maior do que uma diocese”. De fato, além de preocupar-se com o cuidado desta última, ultrapassou suas fronteiras para visitar os emigrados nos Estados Unidos e na América do Sul. Depois, vendo a condição de seus compatriotas, enviou-lhes sacerdotes e irmãs missionárias para assistir-lhes nas necessidades. Poder-se-ia fazer um confronto entre o discurso de G.B. Scalabrini aos primeiros missionários que partiam para as Américas – em 28 de novembro de 1887 – e a oração sacerdotal de Jesus, quando se despe dos discípulos após a última ceia (cfr. João 17). Em ambos os casos, palavras de extrema ternura, carinho e de apelo para que jamais deixem de amar-se uns aos outros.

### **Israel: um povo a caminho**

A partir da voz e do testemunho vivo de G.B. Scalabrini, podemos agora tomar emprestado o seu olhar para um sobrevoo sobre os diferentes livros bíblicos. Mais do que escolher determinados textos que põem em evidência a figura do migrante, trata-se de reler toda a Palavra de Deus na perspectiva de um povo a caminho. Desde os patriarcas do Antigo Testamento até Jesus Cristo e os relatos do Novo Testamento, passando pela experiência da libertação do Egito, pelo movimento profético e pelos escritos da sabedoria, a Bíblia narra a saga de um povo que conhece de perto e na carne o êxodo, o deserto, o exílio e a diáspora.

Se, por um lado, Abraão é convidado a sair de sua terra (cfr. Gênesis 12), por outro, Moisés é chamado e enviado com a missão de libertar seus irmãos escravos sob o jugo de Faraó e partir com eles para a Terra Prometida (cfr. Êxodo 3). Nesta experiência fundante do povo de Israel – a libertação do Egito – quatro verbos nos ajudam a contemplar o mistério de um Deus que caminha com seu povo pelas estradas tortuosas e acidentadas da história. “O Senhor disse: eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso descí para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, onde corre leite e mel” (Êxodo 3,7-8a). Confrontando essas palavras com o chamado “credo histórico”<sup>6</sup> (Deuteronômio 26,5-9), constata-se que estamos diante de duas versões de uma única narrativa.

Os quatro verbos a que assinalamos – *vi, ouvi, conheço e descí* – encontram-se todos na primeira pessoa do singular, sendo atribuídos ao Senhor. Denotam, de imediato, extrema sensibilidade e solidariedade para com uma nação que caiu em desgraça, subjugada pelo

---

<sup>4</sup> Documento Final da Assembleia Geral dos bispos da América Latina e Caribe, Aparecida SP 2007, nº 414.

<sup>5</sup> *Ibid.*, nº 377.

<sup>6</sup> O comentário de rodapé da Bíblia de Jerusalém sublinha: “A confissão de fé dos vv 5-9 resume a história da salvação, centrada na libertação do Egito”.

grande império da época. No diálogo com Moisés, transparece a solicitude de Deus diante de semelhante situação que priva cada um e todos da própria dignidade humana. Mas não é só isso! É também um Deus que não se limita a “ver, ouvir e conhecer”, mas dispõe-se a “descer” e a caminhar com o povo pelas areias do deserto.

Essa experiência é de tal modo fundante e primordial que servirá de ponto de referência para o comportamento diante dos estrangeiros que vivem entre os israelitas: “Não oprimirás o imigrante, porque fostes emigrantes no Egito” (Êxodo 23,9). No movimento profético, servirá igualmente de alerta para o trato com os trabalhadores que, obrigados a deixar os campos, buscam refúgio e oportunidade junto à cidade-estado e ao palácio real (cfr. Amós e Miquéias). E servirá, ainda, de conforto para os israelitas da diáspora no exílio da Babilônia (cfr. Jeremias).

O verbo “descer”, porém, ganha toda sua força e plenitude no mistério da encarnação: “E o verbo se fez carne e veio habitar entre nós” (João 1,14). Fazer-se “carne”, na passagem de Jesus pelas estradas da Galileia, Judeia e Samaria, é fazer-se olhar, gesto, toque, presença... Mas é mais que isso! É por-se a caminho, indo ao encontro dos pobres e oprimidos, dos doentes e indefesos, dos pecadores e marginalizados, dos excluídos e “descartáveis”, como lembra seguidamente o Papa Francisco. Numa palavra é fazer-se “um judeu marginal”, para usar a expressão de Meier<sup>7</sup>. Mais do que anunciar um Deus estabelecido no templo, proclama a boa nova do Evangelho pelas sinagogas e pelos campos, aldeias e cidades. O “verbo feito carne” nasce à margem da sociedade, na fronteira – “pois não havia lugar para eles dentro de casa” (Lucas 2,7) – como a indicar que ali o reino do Pai mergulha suas raízes mais profundas.

A esse respeito convém deter-se por uns instantes sobre o que os estudiosos costumam chamar de *um resumo* das atividades de Jesus: “Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, pregando a boa notícia do reino do Pai e curando todo tipo de doença e enfermidade. Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor” (Mateus 9,35-38). Três aspectos valem a pena ser sublinhados.

Primeiro, “Jesus percorria”. Uma vez mais, tropeçamos com um verbo dinâmico, que indica ação, mobilidade, deslocamento de um lado para outro – experiência que os migrantes bem conhecem, ao percorrer as estradas de todo o planeta. Com razão os membros das primeiras comunidades cristãs, entre outras coisas, vinham individuados como *o povo do caminho*.

Depois, Jesus encontra-se com as “multidões cansadas e abatidas”. Não é difícil transplantar essa imagem para os milhares e milhões de pessoas e famílias que cruzam os mares, os desertos e as fronteiras, fugindo da pobreza e da violência, tendo como horizonte um futuro mais promissor. Migrantes que, não raro, conseguem fazer da fuga uma nova busca, na reconstrução da própria existência.

Por fim, “Jesus teve compaixão”. Ter com-paixão não significa oferecer coisas, e sim oferecer-se, oferecer a si mesmo. Estar “com” o outro na hora da paixão, do sofrimento, do desespero, da extrema necessidade... Oferecer o próprio tempo, como faz o Bom Samaritano diante do homem caído à beira da estrada. Não são poucos os migrantes caídos à beira da

---

<sup>7</sup> John P. Meier, *Um Judeu Marginal: Repensando o Jesus Histórico*, 5 volumes (São Paulo 1991-2016).

estrada, da sociedade e da vida. E, no caso específico da parábola, o Mestre é categórico, lapidar: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (cfr. Lucas 10,25-37)!

### **Migrações: crise e encruzilhada**

Sempre com o olhar de Scalabrini, e tendo como pano de fundo a Palavra de Deus, acompanhemos de perto a trajetória dos migrantes. Nomes, rostos e histórias pessoais, mas também os grandes movimentos de massa. Antes de tudo, é necessário prestar atenção ao discurso das autoridades políticas, dos meios de comunicação e do público em geral.

De início, não podemos esquecer que a linguagem jamais é neutra. Por isso convém evidenciar algumas expressões para definir a mobilidade humana em geral: “crise migratória”, “crise humanitária”, “invasão de nosso país” (para não falar de “onda negra” e coisas do gênero).

Permitam-se, a esta altura, uma citação um tanto longa do teólogo alemão J. Moltmann:

“A palavra *crise* mede o evento novo e incompreendido sobre a base da ordem tradicional da vida humana, que agora entrou em crise e encontra-se ameaçada, e por isso deve ser salva, conservada ou renovada. A expressão *crise* refere-se sempre à ordem. A *crise* coloca em questão a ordem e pode, portanto, ser dominada somente mediante uma nova ordem. O fato que neste evento que é percebido como *crise* exista, por outro lado, algo *novo*, é um fato que permanece ignorado. A filosofia da história que assume o aspecto de filosofia da crise há, portanto, sempre um caráter conservador”<sup>8</sup>.

O conceito de *crise* – seja ela individual ou familiar, social ou institucional – comporta grande dose de ambiguidade. Há uma primeira fase que consiste numa mistura de fracasso, queda, abatimento, impotência, prostração. Temos a sensação que o chão foge sob os pés, as estrelas se apagam no céu e os marcos desaparecem da estrada. Medos, dúvidas, inquietações e turbulência tomam conta da alma. Mas há uma segunda fase que representa um passo adiante. Medo e prostração são superados por uma nova forma de energia que leva a criar coragem, levantar a cabeça e caminhar para a frente. No primeiro momento, predominam as emoções e sentimentos, umedecidos com o choro e as lágrimas. Tornamo-nos cegos e surdos, em meio a uma espécie de névoa indistinta. No segundo momento, porém, a razão começa a decifrar a névoa e a vislumbrar com maior nitidez os contornos das coisas. Tomando em conta o fenômeno da migração, toda crise como momento negativo possui seu lado positivo, de acordo com a concepção de G.B. Scalabrini.

A hora do abatimento é o que se convencionou chamar de *crise* propriamente dita. Traz consigo a tentação do isolamento, de fechar-se em si mesmo, de esconder-se atrás de um mutismo indecifrável, de retornar ao berço ou ao colo da mãe. Saudosismo do passado e da ordem, conforme as palavras de J. Moltmann. Em casos extremos, a fase negativa da crise pode levar ao desejo da morte. Vemos isso em dois profetas do Antigo Testamento: Jeremias, com seu grito, “maldito seja o dia em que eu nasci” (Jeremias 20,14), e Jonas no ventre do peixe, o que simbolicamente é como retornar ao ventre materno ou desejar jamais ter nascido (Jonas 2,3-30).

---

<sup>8</sup> Jürgen Moltmann, *Teologia della Speranza* (Brescia 1970), 267 (tradução própria).

Superado o momento do pranto e da cegueira, entretanto, vem a encruzilhada. Esta supõe vários caminhos e uma escolha. É hora de enxugar as lágrimas, erguer-se do solo e tomar uma decisão. Enquanto a crise tem olhos fixos no passado, a encruzilhada perscruta o horizonte e suas potencialidades. Representa a dimensão “nova” entre as ruínas e escombros da velha ordem, nos termos de Moltmann. Se a crise significa um sulco na história – seja ela individual ou social – a encruzilhada vê nela a oportunidade de jogar a semente. Não é tempo de colheita, mas de semeadura. A primeira tende a paralisar, a segunda abre o campo a renovadas alternativas. No caso do migrante, crise é sinônimo de fuga de uma situação insustentável, ao passo que encruzilhada é sinônimo de busca de um solo a que se possa chamar de pátria. Neste caso, segundo a visão de G.B. Scalabrini, entra em cena o desenho divino para a história da salvação.

De acordo com o pensamento de G.B. Scalabrini, o migrante jamais aparece somente como vítima do contexto histórico ou de determinado sistema de exploração. Sem deixar de sê-lo, ele é também sujeito do próprio destino, na exata medida em que se deixa guiar pela mão de Deus e pela esperança em dias melhores. Mesmo vulnerável a todo tipo de especulação, tem a capacidade de tomar consciência e de refazer o tecido da própria existência. Certo, não é fácil, mas “o sorriso da pátria e o conforto da fé” são seus companheiros e aliados.

### **Espiritualidade do caminho**

Do ponto de vista de G.B. Scalabrini, a espiritualidade do caminho pode ser resumida numa frase: olhar para os migrantes com os olhos do Pai; olhar para o Pai com o coração dos migrantes. O coração do pastor batia ao ritmo dos passos dos migrantes e, simultaneamente, aos apelos da vontade de Deus. O Filho Jesus Cristo, ponte entre o céu e a terra, entre o divino e o humano, nutria-lhe a fé e a esperança, fortalecendo nele a caridade. Agora podemos oferecer, pela intercessão do bem-aventurado Scalabrini, as expectativas de quem está a caminho e de quem, seguindo-lhe o carisma, se coloca a serviço dos caminhantes.

O retrato de Jesus traçado pelos evangelistas não deixa dúvidas. Logo no início de seu ministério público, tomando o Livro de Isaías, anuncia seu *programa*: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a boa notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lucas 4,18-19). Os pobres, e entre eles os migrantes, têm predileção especial no Reino de Deus; e o Pai, como se vê na parábola do Bom Pastor, jamais se cansa de procurar suas ovelhas (cfr. João 10,1-10), personalizadas em tantos migrantes, refugiados e prófugos que erram pelas estradas. Em lugar de um Deus estabelecido no templo, Jesus revela um Pai presente e vizinho, que acompanha os discípulos de Emaús e permanece com eles porque “é tarde e o dia declina” (cfr. Lucas 24,13-35).

Quem muito caminha, de fato, tem outras coisas a ensinar. De imediato, costuma a liberar-se do que não convém, para não tornar o fardo demasiado pesado e difícil de carregar. Concentra-se naquilo que lhe é fundamental. “O supérfluo é oneroso, mas o essencial é gratuito”, diz o filósofo francês Frédéric Lenoir<sup>9</sup>. O caminhante mantém os olhos fixos na meta a ser alcançada, desviando apenas o necessário e quando é absolutamente indispensável.

---

<sup>9</sup> Frédéric Lenoir, *L'anima del mondo* (Firenze 2017), 73 (tradução própria).

O caminho comporta a lição de saber depurar a mala, mas também a de purificar a alma. Saber deixar de lado coisas que, além de não servir, vão pesar e atrapalhar; purificar-se de sentimentos e atitudes que, além de ferir os demais, destilam veneno no interior das próprias entranhas. Desfazer-se do que é secundário e descartável, para ir de encontro do “tesouro escondido no campo” (Mateus 13,44).

Não só vítima, mas também sujeito dos próprios passos, como já vimos, o migrante torna-se protagonista no cenário da história. Se o ato de migrar, por si só, é consequência de certos contextos econômicos e políticos, mobiliza, por sua vez, novas forças que movem os fatos históricos. Ao colocarem-se em marcha, os forasteiros fazem marchar igualmente os atores sociais dos acontecimentos que marcam o tempo. Constituem um termômetro para medir não somente o bem estar de uma sociedade, mas também seu nível moral e religioso de acolhida. São, em última instância, critério mesmo da salvação: “era migrante e me acolheste” ou “era migrante e não me acolheste” (cfr. respectivamente Mateus 25,35 e 25,43).

A resistência e a solidariedade são também lições do caminho. Quem caminha sofre o cansaço, a sede, a fome, a solidão; tem necessidade de abrigo, de repouso e de companhia. Só assim será capaz de retomar a estrada com novas forças e ânimo renovado. Os migrantes, em geral, encontram na rede familiar e de parentesco um primeiro apoio na hora da partida e da chegada. Semelhante rede de apoio pode converter-se em modelo para outras formas de assistência pessoal, social, jurídica, psicológica, espiritual, etc. Nos lugares de origem, trânsito ou destino, encontram um percurso cheio de adversidades. Ali, podem-se desenvolver novas formas de solidariedade que trazem à tona os quatro verbos do Papa Francisco: *acolher, proteger, promover e integrar*.

Enfim, na medida em que se ampliam os rostos da migração e em que esta se torna mais intensa, diversificada e complexa, impõe-se o desafio de passar da mera multiculturalidade à interculturalidade. Não basta a convivência pacífica entre pessoas, línguas, povos e nações. Não basta compartilhar histórias, celebrar expressões culturais, partilhar riquezas mútuas. É preciso ir além, deixar-se interpelar, abrir-se ao diálogo. Não apenas a coexistência no mesmo espaço, mas também o encontro e reencontro, o confronto e intercâmbio de valores e contravalores será capaz de nos purificar e enriquecer reciprocamente: “O mundo é belo pela variedade de suas paisagens. A vida espiritual é bela pela multiplicidade de seus percursos”, escreve F. Lenoir<sup>10</sup>. Nesta perspectiva, o encontro com o diferente pavimenta o caminho para o encontro com o Transcendente; o encontro com o outro e estranho, pavimenta o caminho para o encontro com o totalmente Outro.

*Hoje são muitos os que, confrontados com a realidade migratória,  
encontram na espiritualidade scalabriniana um tesouro a ser descoberto  
para viver em plenitude a vida cristã.  
(Texto-base da Traditio Scalabriniana, 2)*

---

<sup>10</sup> *Ibid.*, 36 (tradução própria).